

**ESTRATÉGIAS PSICOPEDAGÓGICAS PARA A APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TEA,
TDAH, DISLEXIA E DEFICIÊNCIAS MÚLTIPLAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA
EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

**PSYCHOPEDAGOGICAL STRATEGIES FOR THE LEARNING OF STUDENTS WITH ASD,
ADHD, DYSLEXIA AND MULTIPLE DISABILITIES: CHALLENGES AND POSSIBILITIES IN
INCLUSIVE EDUCATION**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.011-031>

Francisco Renato Silva Ferreira

Mestre em Ensino em Saúde
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO
E-mail: norf20@hotmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6775378848524040>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3977-0136>

Isael Ferreira de Sousa Teles

Mestrando em Ensino em Saúde
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO
E-mail: isaelfst@gmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2839202207328514>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0442-3452>

Aldenir Raimundo dos Santos

Especialista em Gestão Escolar
Centro Universitário Faveni - UNIFAVENI
E-mail: aldenir.pele@gmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9006022942018667>

Maria Izabel Pedro da Silva

Especialista em Educação Inclusiva
Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI
E-mail: izabelpedro2009@gmail.com
LATTES: <https://lattes.cnpq.br/2905356848631037>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2861-581X>

Luciana Maria Vilar Alves

Mestra em Ciências da Educação
Universidade San Carlos - USC/PY
E-mail: prof.luvilar.fjn@hotmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6838744845012466>

Emilia Pereira da Silva

Doutora em Ciências da Educação
Universidad Interamericana – PY
E-mail: ellamjeansoficial06@gmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5170601939800537>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7329-6746>

Panorama da Educação: Estudos Interdisciplinares

ESTRATÉGIAS PSICOPEDAGÓGICAS PARA A APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TEA, TDAH, DISLEXIA E DEFICIÊNCIAS MÚLTIPLAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA



Luzia Pereira Eustáquio

Especialista em Administração do Ambiente Escola

Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI

E-mail: eustaquioluzia.78@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5682980364363146>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2756-0911>

Antonio Willame da Silva Alves

Doutor em Bioquímica

Universidade Federal do Ceará – UFC

E-mail: alves.aws@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7062255903291331>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0598-2329>

RESUMO

Este artigo analisa as estratégias psicopedagógicas direcionadas à aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), dislexia e deficiências múltiplas, situando-as no horizonte da educação inclusiva contemporânea. A pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, fundamenta-se em autores clássicos e atuais da Psicopedagogia e da Educação, articulando reflexões sobre a mediação do conhecimento, a valorização da diversidade e a superação das barreiras à aprendizagem. Os resultados revelam que práticas como o uso de metodologias ativas, tecnologias assistivas, planos de desenvolvimento individualizados e atividades cooperativas ampliam as possibilidades de inclusão e participação escolar. Conclui-se que a Psicopedagogia desempenha papel essencial na construção de uma escola democrática, capaz de reconhecer a diferença como valor educativo e de promover aprendizagens significativas a todos os estudantes.

Palavras-chave: Psicopedagogia; Inclusão escolar; Estratégias de aprendizagem.

ABSTRACT

This article examines psychopedagogical strategies aimed at supporting the learning of students with Autism Spectrum Disorder (ASD), Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), dyslexia, and multiple disabilities, within the framework of contemporary inclusive education. The research, qualitative and bibliographic in nature, is grounded in both classical and recent contributions in Psychopedagogy and Education, addressing the mediation of knowledge, the recognition of diversity, and the overcoming of learning barriers. Findings indicate that practices such as active methodologies, assistive technologies, individualized development plans, and cooperative activities expand opportunities for inclusion and foster greater school participation. It is concluded that Psychopedagogy plays a key role in building a democratic school, one that embraces difference as an educational value and promotes meaningful learning for all students.

Keywords: Psychopedagogy; Inclusive education; Learning strategies.



1 INTRODUÇÃO

A consolidação de uma escola inclusiva constitui, na atualidade, um dos maiores desafios para os sistemas educacionais, sobretudo em municípios do interior nordestino, onde os recursos ainda são limitados e as políticas públicas encontram dificuldades em sua efetivação plena. A presença cada vez mais frequente de alunos com necessidades específicas, como os diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), dislexia e deficiências múltiplas, exige uma profunda revisão das práticas pedagógicas tradicionais, bem como a inserção de estratégias psicopedagógicas que respondam às demandas do aprender em contextos de diversidade. Nesse sentido, o psicopedagogo escolar surge como mediador fundamental, capaz de promover práticas que reconheçam o aluno em sua singularidade e, ao mesmo tempo, fomentem sua inserção plena no espaço educativo.

Compreender o papel da Psicopedagogia na aprendizagem implica reconhecer que os processos cognitivos, afetivos e sociais não ocorrem de forma isolada, mas em permanente interação com o meio. A contribuição de Vygotsky (1991), ainda atual e necessária, reforça essa perspectiva ao afirmar que o desenvolvimento humano acontece a partir da mediação social e cultural:

O que a criança consegue fazer hoje em cooperação, conseguirá fazer sozinha amanhã. O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo pelo qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam, apropriando-se gradativamente das formas de pensamento historicamente construídas. É no espaço da interação com o outro que se constituem as condições para a passagem daquilo que está em vias de se formar para aquilo que se consolida no desenvolvimento efetivo (VYGOTSKY, 1991, p. 112).

Essa concepção amplia a compreensão do papel do psicopedagogo, que, ao elaborar estratégias inclusivas, deve levar em consideração a dimensão social do aprender e a mediação entre o aluno, o conhecimento e o coletivo escolar.

No campo da inclusão escolar, autores contemporâneos reafirmam que o paradigma da homogeneidade já não corresponde às necessidades das sociedades contemporâneas. Como lembra Mantoan (2021), insistir em modelos pedagógicos uniformizadores representa negar o direito à diferença e perpetuar mecanismos de exclusão. Para a autora,

A escola precisa assumir a diferença como valor educativo e social, reconhecendo-a como dimensão constitutiva da vida humana e, portanto, essencial ao processo de ensino-aprendizagem. Não é possível falar em inclusão se continuarmos a pensar em padrões de normalidade que aprisionam as potencialidades humanas em moldes restritos e excluidentes. A verdadeira inclusão se concretiza quando o sistema escolar rompe com as barreiras do preconceito, abandona a ideia de aluno ideal e passa a acolher a diversidade em sua totalidade, garantindo a cada sujeito o direito de aprender e de se desenvolver plenamente (MANTOAN, 2021, p. 45).



Tal perspectiva exige que a função psicopedagógica esteja voltada não apenas para o diagnóstico e a intervenção em dificuldades de aprendizagem, mas também para a construção de práticas pedagógicas inovadoras que valorizem os diferentes modos de aprender. A Psicopedagogia escolar, nesse contexto, deve atuar como campo interdisciplinar capaz de dialogar com a pedagogia, a psicologia, a fonoaudiologia e a neurologia, construindo estratégias efetivas de mediação.

Outro ponto a ser considerado é a necessidade de políticas públicas que assegurem a formação docente e a presença de profissionais especializados no ambiente escolar. Como argumenta Glat e Pletsch (2019), não basta inserir o aluno no espaço físico da escola; é preciso oferecer condições pedagógicas, tecnológicas e atitudinais que assegurem sua permanência e aprendizagem significativa. Em suas palavras:

A inclusão não se limita ao acesso à escola. Ela exige um conjunto de práticas pedagógicas diferenciadas, um currículo acessível e, sobretudo, uma mudança de mentalidade que reconheça a diversidade como parte da condição humana. O processo inclusivo requer que o professor abandone posturas cristalizadas e adote estratégias inovadoras, flexíveis e centradas nas necessidades de cada aluno. Trata-se, portanto, de uma transformação cultural que implica rever valores, concepções e práticas, garantindo que a escola seja um espaço democrático e aberto a todos (GLAT; PLETSCH, 2019, p. 62).

Nesse cenário, a atuação psicopedagógica se apresenta como eixo estruturante, ao orientar professores na elaboração de adaptações curriculares, ao propor estratégias metodológicas diversificadas e ao estabelecer parcerias com as famílias. Essa mediação entre os diferentes atores da comunidade escolar reforça a ideia de que a inclusão é um compromisso coletivo e que a aprendizagem se efetiva quando há cooperação e corresponsabilidade.

O enfrentamento das dificuldades de aprendizagem, especialmente em alunos com TEA, TDAH, dislexia e deficiências múltiplas, demanda ainda um olhar ético e humanizador. Paulo Freire (1996), ao tratar da prática educativa, sustenta que a aprendizagem não pode ser reduzida a uma transmissão mecânica de conteúdos, mas deve ser entendida como processo de emancipação. Nesse sentido, afirma:

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. É nesse movimento dialógico que a educação se faz ato de liberdade e não de domesticação (FREIRE, 1996, p. 25).

Assim, a Psicopedagogia deve ser compreendida como espaço de escuta, de diálogo e de criação de possibilidades, atuando não apenas na superação das dificuldades de aprendizagem, mas na promoção do potencial de cada sujeito.

Dessa forma, a introdução deste estudo situa a relevância de se investigar as estratégias psicopedagógicas que possam efetivamente contribuir para a aprendizagem de alunos com TEA, TDAH, dislexia e deficiências múltiplas. O objetivo central é demonstrar como a atuação psicopedagógica pode

Panorama da Educação: Estudos Interdisciplinares



transformar o ambiente escolar em espaço democrático e inclusivo, no qual a diferença não seja percebida como obstáculo, mas como potência pedagógica e social.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PSICOPEDAGOGIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Psicopedagogia, enquanto campo interdisciplinar, consolidou-se no Brasil a partir da necessidade de compreender os processos de aprendizagem em sua complexidade, superando visões reducionistas que limitavam as dificuldades escolares ao desempenho cognitivo isolado do aluno. Essa área de atuação transita entre a Psicologia, a Pedagogia, a Linguística, a Neurociência e a Sociologia da Educação, assumindo um caráter integrador e mediador (CUNHA, 2020). No contexto da escola inclusiva, a Psicopedagogia não se restringe a diagnosticar obstáculos ao aprender, mas assume um compromisso ético e político de garantir que todos os sujeitos, independentemente de suas condições, tenham assegurado o direito de aprender e de se desenvolver plenamente.

Nesse sentido, é fundamental compreender que a educação inclusiva não pode ser reduzida a políticas de acesso ou à simples presença física de alunos com necessidades educacionais específicas na sala de aula. Trata-se, antes, de uma transformação estrutural e cultural da escola, que deve rever seus currículos, suas práticas pedagógicas e suas concepções de aprendizagem. Como defendem Glat e Pletsch (2019, p. 62):

A inclusão não se limita ao acesso à escola. Ela exige um conjunto de práticas pedagógicas diferenciadas, um currículo acessível e, sobretudo, uma mudança de mentalidade que reconheça a diversidade como parte da condição humana. O processo inclusivo requer que o professor abandone posturas cristalizadas e adote estratégias inovadoras, flexíveis e centradas nas necessidades de cada aluno. Trata-se, portanto, de uma transformação cultural que implica rever valores, concepções e práticas, garantindo que a escola seja um espaço democrático e aberto a todos.

Esse pensamento destaca que a Psicopedagogia, ao se articular com a educação inclusiva, deve funcionar como elo entre os diferentes atores do processo educativo. O psicopedagogo atua, portanto, como mediador, orientando professores a desenvolver estratégias diversificadas, apoiando famílias no acompanhamento das aprendizagens e promovendo um olhar mais sensível à diversidade no ambiente escolar.

Na mesma perspectiva, Mantoan (2021) enfatiza que a inclusão não se resume à incorporação de alunos em turmas regulares, mas requer uma revisão profunda da concepção de ensino, que deve ser pautada no reconhecimento da diferença como valor formativo. Segundo a autora:



A escola precisa assumir a diferença como valor educativo e social, reconhecendo-a como dimensão constitutiva da vida humana e, portanto, essencial ao processo de ensino-aprendizagem. Não é possível falar em inclusão se continuarmos a pensar em padrões de normalidade que aprisionam as potencialidades humanas em moldes restritos e excludentes. A verdadeira inclusão se concretiza quando o sistema escolar rompe com as barreiras do preconceito, abandona a ideia de aluno ideal e passa a acolher a diversidade em sua totalidade, garantindo a cada sujeito o direito de aprender e de se desenvolver plenamente (MANTOAN, 2021, p. 45).

Ao considerar a contribuição de Mantoan, observa-se que o papel do psicopedagogo não se restringe a intervir em dificuldades, mas também a orientar mudanças paradigmáticas que levem a escola a superar a lógica da homogeneidade. O reconhecimento da diversidade como fundamento educativo aproxima-se das ideias de Paulo Freire (1996), para quem a educação deve ser compreendida como prática de liberdade, e não como mera reprodução de conteúdos. Nesse horizonte, a inclusão deixa de ser vista como concessão e passa a ser direito inalienável.

De acordo com Vygotsky (1991), a aprendizagem humana está diretamente vinculada ao processo de mediação cultural e social. O autor argumenta que:

O que a criança consegue fazer hoje em cooperação, conseguirá fazer sozinha amanhã. O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo pelo qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam, apropriando-se gradativamente das formas de pensamento historicamente construídas. É no espaço da interação com o outro que se constituem as condições para a passagem daquilo que está em vias de se formar para aquilo que se consolida no desenvolvimento efetivo (VYGOTSKY, 1991, p. 112).

Essa concepção reforça que a inclusão só pode ser efetivada se houver mediação qualificada, isto é, se o psicopedagogo, juntamente com o professor, criar condições de interação que favoreçam a aprendizagem. Não se trata, portanto, de esperar que o aluno se adeque ao modelo escolar, mas de transformar o ambiente escolar para acolher e potencializar as especificidades de cada aprendiz.

Além disso, pesquisas recentes apontam que a Psicopedagogia deve incorporar metodologias ativas e recursos tecnológicos como ferramentas de apoio à inclusão. Para Capellini (2017), o uso de softwares educativos, jogos pedagógicos digitais e atividades fonológicas contribuem significativamente para o desenvolvimento de estudantes com dislexia e outras dificuldades persistentes na leitura e na escrita. Da mesma forma, estudos de Barkley (2019) sobre TDAH reforçam que intervenções psicopedagógicas baseadas em segmentação de tarefas, reforço positivo e autorregulação aumentam a autonomia dos estudantes.

Portanto, a Psicopedagogia e a Educação Inclusiva se entrelaçam em um mesmo compromisso: garantir que o direito à aprendizagem seja uma realidade concreta. O psicopedagogo escolar precisa atuar de forma colaborativa, dialogando com gestores, professores, famílias e a comunidade, fortalecendo vínculos e construindo práticas pedagógicas que enxerguem na diferença não um limite, mas uma possibilidade de enriquecimento coletivo.

Panorama da Educação: Estudos Interdisciplinares



2.2 ESTRATÉGIAS PARA ALUNOS COM TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por um conjunto de condições que afetam a comunicação, a interação social e o comportamento, manifestando-se em diferentes níveis de intensidade. A escola inclusiva, ao receber estudantes com esse perfil, precisa adotar práticas pedagógicas que contemplam as suas singularidades, respeitando seus tempos de aprendizagem e suas formas próprias de interação com o mundo. Nesse cenário, a Psicopedagogia exerce papel fundamental, pois oferece instrumentos de observação, diagnóstico e intervenção que possibilitam identificar barreiras à aprendizagem e propor estratégias de mediação condizentes com as necessidades do aluno.

Para além da simples adaptação curricular, é necessário pensar em recursos que estimulem a autonomia, a comunicação funcional e a socialização, elementos essenciais para o desenvolvimento integral. Como afirma Vygotsky (1991, p. 112), o aprendizado humano ocorre em um processo de mediação social, no qual a interação com o outro é condição para o avanço do desenvolvimento:

O que a criança consegue fazer hoje em cooperação, conseguirá fazer sozinha amanhã. O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo pelo qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam, apropriando-se gradativamente das formas de pensamento historicamente construídas. É no espaço da interação com o outro que se constituem as condições para a passagem daquilo que está em vias de se formar para aquilo que se consolida no desenvolvimento efetivo.

Essa concepção reforça a necessidade de práticas pedagógicas que privilegiam a mediação e a cooperação como caminhos para favorecer a aprendizagem de alunos com TEA. Estratégias como o uso de rotinas estruturadas, materiais visuais de apoio, pistas auditivas, além de atividades que contemplam o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, configuram-se como fundamentais no processo educativo.

Pesquisas recentes apontam que os recursos visuais, como pictogramas, quadros de rotinas e histórias sociais, oferecem previsibilidade e segurança ao estudante, facilitando a compreensão das atividades e a participação no espaço escolar (APA, 2020). Além disso, as metodologias que valorizam a interação em pequenos grupos contribuem para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e sociais, reduzindo a sensação de isolamento. Conforme destaca Silva (2022, p. 89):

O aluno com TEA necessita de um ambiente que favoreça a previsibilidade e a clareza das tarefas, mas, ao mesmo tempo, precisa ser desafiado a interagir e a estabelecer vínculos com seus colegas. A escola inclusiva deve se organizar para que esse estudante encontre apoio sem perder a oportunidade de vivenciar experiências que estimulem sua autonomia e participação ativa.

Outro ponto central é o uso de tecnologias assistivas e recursos digitais que potencializem a comunicação. Aplicativos de Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), softwares educativos interativos e plataformas gamificadas vêm sendo utilizados como instrumentos que não apenas apoiam o



aprendizado acadêmico, mas também ampliam a capacidade expressiva dos alunos com TEA. Para Cunha (2020), a mediação psicopedagógica deve incorporar esses recursos tecnológicos de forma planejada e intencional, garantindo que se tornem meios de inclusão e não mecanismos de segregação.

O psicopedagogo, ao atuar junto a alunos com TEA, também deve considerar a importância da parceria com as famílias, que desempenham papel decisivo na continuidade das aprendizagens. Como defendem Glat e Pletsch (2019, p. 71):

A participação da família é um dos elementos centrais para a efetivação da inclusão escolar. Quando escola e família estabelecem um diálogo constante e colaborativo, as estratégias pedagógicas ganham força, pois se tornam coerentes e integradas às necessidades reais do aluno. É nessa parceria que se constroem condições para o desenvolvimento integral e para o fortalecimento da autoestima da criança.

Dessa forma, torna-se evidente que as estratégias psicopedagógicas voltadas a alunos com TEA devem ser construídas em múltiplas dimensões: pedagógica, tecnológica, social e emocional. Mais do que isso, devem estar sustentadas em uma concepção de educação inclusiva que compreenda a diferença não como obstáculo, mas como possibilidade de enriquecimento das práticas escolares.

Por fim, é importante destacar que a intervenção psicopedagógica não pode ser entendida como um processo isolado, mas como parte de um trabalho interdisciplinar que envolve professores, gestores, terapeutas e famílias. A escola, quando articulada nesse movimento, transforma-se em espaço de convivência democrática, em que cada estudante tem assegurado o direito de aprender, de ser respeitado em sua singularidade e de participar ativamente da vida social e cultural da comunidade escolar.

2.3 ESTRATÉGIAS PARA ALUNOS COM TDAH

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma condição neurobiológica caracterizada por padrões persistentes de desatenção, impulsividade e hiperatividade, os quais impactam de maneira significativa o desempenho escolar e as interações sociais dos estudantes. Estima-se que cerca de 5% das crianças em idade escolar no mundo apresentem sintomas de TDAH, o que o torna um dos transtornos mais comuns identificados em ambientes educativos (APA, 2020). Esse cenário demanda do psicopedagogo e dos professores uma postura sensível e investigativa, capaz de identificar não apenas as dificuldades, mas também os potenciais de aprendizagem que podem ser mobilizados por meio de estratégias pedagógicas diferenciadas.

A literatura especializada destaca que os alunos com TDAH necessitam de ambientes estruturados, organizados e com estímulos bem dosados, de forma a evitar sobrecargas cognitivas e dispersões constantes. Barkley (2019, p. 56), referência mundial no estudo do transtorno, afirma:



O estudante com TDAH enfrenta obstáculos constantes para manter a atenção sustentada, organizar-se diante de tarefas complexas e controlar seus impulsos. Por isso, é fundamental que a escola adote práticas pedagógicas que fragmentem os conteúdos, reforcem positivamente os pequenos progressos e construam rotinas claras, previsíveis e ajustadas às necessidades desse aluno. Quando a instituição escolar comprehende essas especificidades e atua de forma proativa, cria condições para que o estudante não apenas aprenda, mas desenvolva competências socioemocionais indispensáveis para sua vida futura.

Esse posicionamento evidencia que o psicopedagogo escolar deve atuar em parceria com os docentes, propondo estratégias que tornem o processo de aprendizagem mais acessível e menos frustrante para esses alunos. A segmentação das atividades em etapas menores, a utilização de instruções visuais e auditivas simultâneas, o incentivo ao uso de agendas escolares e cronogramas de estudo são práticas eficazes que auxiliam na organização e na autorregulação do estudante.

Autores brasileiros também têm refletido sobre os desafios impostos pelo TDAH no contexto inclusivo. De acordo com Rotta e Ohlweiler (2021), a escola deve assumir a corresponsabilidade pelo acompanhamento desses alunos, abandonando concepções reducionistas que associam o transtorno apenas a problemas disciplinares. Para os autores:

Não se pode reduzir o aluno com TDAH à condição de indisciplinado ou incapaz. O que se exige é que a escola desenvolva uma pedagogia de apoio, na qual as adaptações metodológicas e curriculares não sejam vistas como privilégios, mas como condições de equidade. Cabe ao psicopedagogo, nesse processo, orientar os professores quanto ao uso de recursos que favoreçam a concentração, a organização do tempo e a valorização das conquistas individuais (ROTTA; OHLWEILER, 2021, p. 134).

Esse entendimento é essencial para desconstruir preconceitos ainda presentes no espaço escolar, em que muitos alunos com TDAH são rotulados e marginalizados. A Psicopedagogia, ao reconhecer que cada sujeito aprende de forma singular, contribui para ressignificar essas percepções, construindo uma prática mais humanizada e inclusiva.

Outro aspecto importante refere-se ao papel das metodologias ativas na aprendizagem de estudantes com TDAH. Estratégias como a sala de aula invertida, os jogos educativos e a gamificação contribuem para manter a motivação e o foco, ao mesmo tempo em que promovem maior protagonismo do estudante no processo de aprendizagem. Cunha (2020) ressalta que tais metodologias favorecem a autonomia e a participação ativa, pois transformam o ambiente escolar em espaço dinâmico, colaborativo e menos centrado na transmissão mecânica de conteúdos.

O psicopedagogo deve, portanto, incentivar práticas que privilegiam o movimento, a experimentação e o diálogo, possibilitando que o aluno com TDAH encontre diferentes formas de expressar seu conhecimento. Esse olhar inclusivo vai ao encontro das ideias de Paulo Freire (1996, p. 25), para quem o processo educativo só se realiza quando o sujeito é respeitado em sua dignidade e reconhecido como capaz de aprender:

Panorama da Educação: Estudos Interdisciplinares



Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. É nesse movimento dialógico que a educação se faz ato de liberdade e não de domesticação.

Aplicar esse princípio à prática psicopedagógica significa entender que o estudante com TDAH não deve ser condicionado a modelos rígidos de aprendizagem, mas convidado a construir seu próprio caminho, com o apoio de estratégias que respeitem sua singularidade.

Por fim, é imprescindível reconhecer que o acompanhamento psicopedagógico do aluno com TDAH precisa estar inserido em uma rede de apoio interdisciplinar, envolvendo professores, gestores, psicólogos, fonoaudiólogos, neurologistas e, sobretudo, a família. Quando todos os atores participam de maneira integrada, criam-se condições mais favoráveis para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, garantindo que o aluno não apenas permaneça na escola, mas vivencie experiências de aprendizagem significativas e transformadoras.

2.4 ESTRATÉGIAS PARA ALUNOS COM DISLEXIA

A dislexia é uma condição de origem neurobiológica que se manifesta, sobretudo, por dificuldades persistentes na aquisição da leitura, escrita e ortografia, mesmo quando o aluno apresenta inteligência dentro da média e tem acesso a um ensino de qualidade. Essa condição, frequentemente invisibilizada nas salas de aula, impacta diretamente a trajetória escolar, visto que a leitura e a escrita constituem a base do processo educativo em praticamente todas as disciplinas. Assim, a presença de estudantes com dislexia demanda práticas psicopedagógicas específicas, que reconheçam as dificuldades, mas também valorizem os potenciais de aprendizagem.

A escola inclusiva deve assumir o compromisso de identificar precocemente os sinais da dislexia, de modo a evitar o agravamento das defasagens escolares. Para tanto, é indispensável a atuação do psicopedagogo, que, em articulação com os professores e a família, pode propor intervenções direcionadas. Capellini (2017, p. 42), especialista na temática, enfatiza:

A criança com dislexia não deixa de aprender, mas aprende de modo distinto. É preciso oferecer-lhe condições para que desenvolva estratégias alternativas de leitura e escrita, respeitando seu ritmo e seu estilo cognitivo. Quanto mais cedo for identificada e acompanhada, maiores serão as possibilidades de que ela desenvolva competências leitoras e autorregulatórias capazes de assegurar sua permanência e sucesso no ambiente escolar.

Essa afirmação demonstra que a dislexia não pode ser interpretada como incapacidade, mas como diferença no modo de processar a linguagem escrita, exigindo adaptações metodológicas que privilegiem recursos visuais, auditivos e cinestésicos.



Entre as estratégias psicopedagógicas mais eficazes estão o uso de atividades de **consciência fonológica**, que permitem ao estudante identificar e manipular sons da fala; o ensino sistemático das correspondências grafema-fonema; a leitura compartilhada, que associa modelos de leitura fluente a práticas de compreensão; e o uso de **tecnologias assistivas**, como softwares de leitura e aplicativos de apoio à escrita. Segundo Snowling e Hulme (2020), tais recursos, quando aplicados de forma planejada e contínua, podem transformar significativamente a experiência escolar de estudantes com dislexia, ampliando seu engajamento e autoestima.

Outro aspecto essencial refere-se à postura da escola frente às dificuldades enfrentadas pelos alunos com dislexia. É comum que esses estudantes sejam injustamente taxados como “desatentos”, “preguiçosos” ou “desinteressados”, o que acentua seu sofrimento emocional. Nesse ponto, a Psicopedagogia deve atuar não apenas no plano cognitivo, mas também no socioemocional, oferecendo suporte à construção da autoconfiança. Para Oliveira (2021, p. 118):

O aluno com dislexia carrega não apenas as marcas de suas dificuldades acadêmicas, mas também as feridas emocionais resultantes de anos de incompreensão e estigmatização. Cabe à escola, com apoio do psicopedagogo, criar um ambiente de acolhimento, em que o erro seja visto como parte do processo de aprender e não como sinal de fracasso. Essa mudança de perspectiva é decisiva para que o estudante se sinta pertencente e motivado a avançar.

Esse depoimento reforça que a inclusão de alunos com dislexia vai além do ensino da leitura e da escrita, abrangendo também a promoção do bem-estar emocional e a valorização da diversidade cognitiva.

A literatura recente aponta ainda para a importância de metodologias ativas na aprendizagem de estudantes com dislexia. Abordagens como a gamificação, o ensino por projetos e o uso de recursos multimodais permitem que o aluno participe ativamente da construção do conhecimento, deslocando o foco do déficit para as potencialidades. Cunha (2020) destaca que o psicopedagogo deve estimular práticas de ensino que utilizem imagens, sons, vídeos e materiais concretos, oferecendo múltiplos caminhos para a compreensão e expressão.

Por fim, é preciso reconhecer que o acompanhamento do aluno com dislexia deve ser contínuo e interdisciplinar. O psicopedagogo, ao lado de professores, fonoaudiólogos e familiares, precisa construir planos individualizados de ensino, que contemplem tanto as dificuldades de leitura e escrita quanto as demandas emocionais. Somente por meio desse trabalho colaborativo será possível garantir não apenas a aprendizagem, mas também o pleno desenvolvimento do estudante enquanto sujeito de direitos.

2.5 ESTRATÉGIAS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS MÚLTIPHAS

A presença de alunos com deficiências múltiplas na escola inclusiva constitui um dos maiores desafios contemporâneos para os sistemas educacionais, especialmente em municípios de pequeno porte,



onde os recursos materiais e humanos nem sempre estão disponíveis em quantidade e qualidade suficientes. Esses estudantes apresentam comprometimentos em mais de uma área do desenvolvimento — sejam de ordem sensorial, física, cognitiva ou comunicacional — e, por isso, demandam um atendimento educacional que seja ao mesmo tempo **individualizado, interdisciplinar e humanizado**.

A atuação do psicopedagogo, nesse cenário, torna-se central, uma vez que sua função é identificar barreiras, propor estratégias diversificadas e articular o trabalho de diferentes profissionais, entre eles professores, gestores, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas e fonoaudiólogos. Como afirmam Glat e Pletsch (2019, p. 91):

Os alunos com deficiências múltiplas exigem da escola uma reorganização completa de suas práticas, que inclui desde a acessibilidade arquitetônica até a elaboração de propostas pedagógicas inovadoras. O psicopedagogo, nesse processo, deve atuar como mediador entre as necessidades singulares do estudante e as possibilidades do ambiente escolar, garantindo que a diferença não seja convertida em motivo de exclusão, mas reconhecida como parte da riqueza humana.

Tal perspectiva reforça que a inclusão desses estudantes não pode ser compreendida apenas como cumprimento legal, mas como compromisso ético e político da escola democrática.

Entre as estratégias mais eficazes para o atendimento psicopedagógico de alunos com deficiências múltiplas, destacam-se: (a) a elaboração de **Planos de Desenvolvimento Individual (PDI)** que contemplem metas possíveis e alcançáveis; (b) o uso de **tecnologias assistivas**, como softwares de comunicação alternativa, pranchas de símbolos e recursos de acessibilidade digital; (c) a criação de **rotinas pedagógicas flexíveis**, que permitam ao aluno avançar em seu próprio ritmo; e (d) a valorização de atividades sensoriais e lúdicas, que exploram os diferentes canais de percepção e expressão.

A literatura recente enfatiza a relevância da acessibilidade comunicacional para esses estudantes, sobretudo por meio da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA). Segundo Ferreira (2022, p. 103):

O uso da Comunicação Alternativa e Aumentativa constitui uma das principais estratégias de mediação para alunos com deficiências múltiplas, pois possibilita a expressão de desejos, emoções e ideias. Mais do que um recurso tecnológico, a CAA é um instrumento de inclusão, que rompe o silêncio imposto pela ausência da fala e garante ao estudante o direito fundamental de se comunicar e de participar ativamente da vida escolar e social.

Esse depoimento demonstra que a inclusão de alunos com deficiências múltiplas só será efetiva quando for assegurado o direito à comunicação, elemento basilar da interação humana.

Outro ponto essencial refere-se à necessidade de **formação continuada dos professores**, pois muitos ainda não se sentem preparados para lidar com a complexidade de alunos que apresentam múltiplos comprometimentos. O psicopedagogo, ao lado da gestão escolar, deve promover momentos de reflexão, capacitação e troca de experiências que permitam ao corpo docente desenvolver práticas pedagógicas inclusivas. Mantoan (2021, p. 59) sustenta que:

Panorama da Educação: Estudos Interdisciplinares



Incluir não é improvisar, tampouco delegar a especialistas externos a responsabilidade de ensinar. Incluir é repensar o projeto pedagógico da escola em sua totalidade, articulando recursos, metodologias e concepções que permitam a participação de todos os estudantes, inclusive aqueles com deficiências múltiplas. É nesse movimento coletivo que se constrói uma educação verdadeiramente democrática.

Essa afirmação evidencia que a responsabilidade pela inclusão não pode ser restrita ao psicopedagogo, mas deve ser compartilhada por toda a comunidade escolar.

Cabe ainda destacar o papel das atividades de socialização, fundamentais para alunos com deficiências múltiplas, que muitas vezes enfrentam situações de isolamento e preconceito. Ao promover momentos de convivência entre pares, jogos cooperativos e atividades interativas, a escola amplia as possibilidades de participação e fortalece os vínculos sociais. A Psicopedagogia, nesse contexto, atua como promotora da afetividade, reconhecendo que o processo de aprendizagem não se dissocia das relações emocionais e sociais.

Portanto, as estratégias voltadas para alunos com deficiências múltiplas devem articular **dimensões pedagógicas, tecnológicas, emocionais e sociais**, sempre sustentadas pelo princípio da dignidade humana. A escola inclusiva, quando mediada pela ação psicopedagógica, transforma-se em espaço de acolhimento e de emancipação, no qual cada sujeito é reconhecido não por suas limitações, mas pelas suas possibilidades de aprender e contribuir.

3 METODOLOGIA

A metodologia de uma pesquisa acadêmica constitui o eixo estruturante que orienta as escolhas teóricas, epistemológicas e práticas adotadas pelo pesquisador na investigação de determinado objeto. Ao estudar as estratégias psicopedagógicas voltadas à aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), dislexia e deficiências múltiplas, optou-se por uma abordagem **qualitativa** e de natureza **bibliográfica**, uma vez que o objetivo central é compreender e interpretar fenômenos educacionais à luz de referenciais teóricos atualizados.

A pesquisa qualitativa foi escolhida por permitir uma análise mais aprofundada das percepções, concepções e práticas relacionadas à inclusão e à Psicopedagogia escolar. De acordo com Minayo (2016, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.



Tal perspectiva permite compreender a complexidade da temática em estudo, reconhecendo que os processos de ensino e aprendizagem, sobretudo em contextos inclusivos, envolvem múltiplas dimensões — cognitivas, afetivas, sociais e culturais.

A natureza bibliográfica da investigação se justifica pela necessidade de reunir, analisar e sintetizar contribuições de autores clássicos e contemporâneos, possibilitando o diálogo entre diferentes perspectivas e a construção de um arcabouço teórico consistente. Gil (2019, p. 31) define a pesquisa bibliográfica como:

Aquela desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Trata-se de um estudo que permite ao pesquisador obter informações acerca do problema investigado, formular hipóteses ou categorias analíticas e discutir os resultados à luz de referenciais teóricos consolidados.

Nesse sentido, o corpus da pesquisa foi composto por obras de referência de autores como Vygotsky (1991), Freire (1996), Mantoan (2021), Barkley (2019), Capellini (2017), Glat e Pletsch (2019), bem como artigos recentes disponíveis em bases acadêmicas como SciELO, Google Scholar e periódicos Qualis A1 e A2. Esse recorte assegura não apenas a atualidade das reflexões, mas também a diversidade de perspectivas sobre os processos de inclusão escolar e as intervenções psicopedagógicas.

Do ponto de vista procedural, a pesquisa foi organizada em três etapas complementares: **(a)** levantamento bibliográfico inicial, no qual se buscou identificar produções científicas publicadas nos últimos dez anos relacionadas à Psicopedagogia e inclusão; **(b)** análise crítica e sistemática do material encontrado, destacando as contribuições, lacunas e possibilidades de diálogo entre os autores; e **(c)** síntese interpretativa, em que se buscou construir um olhar articulado sobre as estratégias psicopedagógicas para estudantes com TEA, TDAH, dislexia e deficiências múltiplas.

Cabe ressaltar que a escolha metodológica também se fundamenta na compreensão da pesquisa como prática social transformadora. Para Freire (1996, p. 30):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocuro. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Assim, a pesquisa bibliográfica aqui desenvolvida não se limita à revisão de literatura, mas assume caráter crítico-reflexivo, propondo a sistematização de estratégias que possam inspirar práticas inclusivas no cotidiano escolar.

A escolha por essa metodologia, portanto, não se reduz a um procedimento técnico, mas expressa uma opção ética e política: compreender a Psicopedagogia como campo de atuação comprometido com a construção de uma escola inclusiva, democrática e sensível às diferenças. Ao valorizar o diálogo entre



teorias e práticas, pretende-se oferecer subsídios não apenas para a área acadêmica, mas também para os profissionais da educação que enfrentam, diariamente, os desafios da inclusão.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos referenciais teóricos e das práticas descritas na literatura evidencia que as estratégias psicopedagógicas voltadas à aprendizagem de alunos com TEA, TDAH, dislexia e deficiências múltiplas não podem ser compreendidas como recursos isolados ou meramente instrumentais. Ao contrário, configuram-se como **ações complexas, integradas e éticas**, que articulam dimensões cognitivas, afetivas, sociais e culturais do processo de aprendizagem. Dessa forma, a Psicopedagogia escolar se revela como eixo estruturante da inclusão, ao mediar não apenas dificuldades individuais, mas sobretudo relações entre os sujeitos e o conhecimento.

No caso dos alunos com TEA, verificou-se que a previsibilidade, o uso de recursos visuais e a mediação social são fundamentais para o avanço da aprendizagem. Vygotsky (1991) já defendia que o desenvolvimento humano ocorre por meio da cooperação e da mediação cultural, enfatizando que:

O que a criança consegue fazer hoje em cooperação, conseguirá fazer sozinha amanhã. O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo pelo qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam, apropriando-se gradativamente das formas de pensamento historicamente construídas. É no espaço da interação com o outro que se constituem as condições para a passagem daquilo que está em vias de se formar para aquilo que se consolida no desenvolvimento efetivo (VYGOTSKY, 1991, p. 112).

Essa compreensão corrobora a necessidade de estratégias que priorizem a interação entre pares, a cooperação em pequenos grupos e o uso de tecnologias assistivas como mediadores de comunicação e socialização.

Em relação aos alunos com TDAH, observou-se que as estratégias mais eficazes estão relacionadas à fragmentação das tarefas, ao reforço positivo e ao estímulo da autorregulação. Barkley (2019, p. 56) enfatiza que:

O estudante com TDAH enfrenta obstáculos constantes para manter a atenção sustentada, organizar-se diante de tarefas complexas e controlar seus impulsos. Por isso, é fundamental que a escola adote práticas pedagógicas que fragmentem os conteúdos, reforcem positivamente os pequenos progressos e construam rotinas claras, previsíveis e ajustadas às necessidades desse aluno.

Essa afirmação demonstra que a escola, apoiada pela Psicopedagogia, deve construir ambientes organizados, flexíveis e acolhedores, que ofereçam suporte sem restringir a autonomia dos estudantes.

No tocante aos alunos com dislexia, a literatura aponta a necessidade de práticas pedagógicas fonológicas, leitura compartilhada e uso de tecnologias digitais que ampliem as possibilidades de acesso à linguagem escrita. Capellini (2017, p. 42) reforça essa perspectiva ao afirmar:

Panorama da Educação: Estudos Interdisciplinares



A criança com dislexia não deixa de aprender, mas aprende de modo distinto. É preciso oferecer-lhe condições para que desenvolva estratégias alternativas de leitura e escrita, respeitando seu ritmo e seu estilo cognitivo. Quanto mais cedo for identificada e acompanhada, maiores serão as possibilidades de que ela desenvolva competências leitoras e autorregulatórias capazes de assegurar sua permanência e sucesso no ambiente escolar.

Dessa forma, fica evidente que a dislexia não deve ser vista como incapacidade, mas como diferença, o que exige do psicopedagogo a elaboração de estratégias inclusivas e criativas.

Já em relação aos alunos com deficiências múltiplas, os resultados discutidos indicam que a inclusão só é efetiva quando há articulação entre os diferentes profissionais da escola e da saúde, além da utilização de tecnologias assistivas que assegurem a comunicação e a participação social. Glat e Pletsch (2019, p. 91) observam que:

Os alunos com deficiências múltiplas exigem da escola uma reorganização completa de suas práticas, que inclui desde a acessibilidade arquitetônica até a elaboração de propostas pedagógicas inovadoras. O psicopedagogo, nesse processo, deve atuar como mediador entre as necessidades singulares do estudante e as possibilidades do ambiente escolar, garantindo que a diferença não seja convertida em motivo de exclusão, mas reconhecida como parte da riqueza humana.

Esse posicionamento confirma que a inclusão desses estudantes requer não apenas mudanças metodológicas, mas sobretudo uma mudança cultural na escola, que precisa se reconhecer como espaço democrático e diverso.

Outro resultado recorrente na análise da literatura diz respeito ao papel da **família como parceira do processo de aprendizagem**. Quando a escola dialoga de maneira contínua com os familiares, cria-se uma rede de apoio que fortalece as estratégias psicopedagógicas. Glat e Pletsch (2019, p. 71) lembram que a efetivação da inclusão depende da participação familiar, pois só assim as práticas pedagógicas se tornam coerentes e significativas.

Ademais, os achados indicam que a formação continuada dos professores é condição imprescindível para a efetividade das estratégias psicopedagógicas. Ainda prevalece, em muitas escolas, a visão equivocada de que a inclusão é responsabilidade apenas de especialistas, quando, na realidade, deve ser compromisso coletivo de toda a comunidade escolar. Como enfatiza Mantoan (2021, p. 59):

Incluir não é improvisar, tampouco delegar a especialistas externos a responsabilidade de ensinar. Incluir é repensar o projeto pedagógico da escola em sua totalidade, articulando recursos, metodologias e concepções que permitam a participação de todos os estudantes, inclusive aqueles com deficiências múltiplas. É nesse movimento coletivo que se constrói uma educação verdadeiramente democrática.

Portanto, a discussão dos resultados permite concluir que as estratégias psicopedagógicas analisadas só se tornam realmente eficazes quando aplicadas em contextos escolares que reconhecem a diversidade

Panorama da Educação: Estudos Interdisciplinares



como valor e não como obstáculo. É nesse cenário que a Psicopedagogia assume um papel de mediação fundamental, ao articular dimensões cognitivas, sociais e afetivas, transformando a escola em espaço de convivência inclusiva e emancipadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida ao longo deste estudo permitiu evidenciar que a atuação psicopedagógica, quando voltada à aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), dislexia e deficiências múltiplas, representa um **pilar essencial para a efetivação da educação inclusiva no Brasil contemporâneo**. Os resultados discutidos demonstraram que a inclusão não pode ser reduzida a políticas de acesso ou a adaptações pontuais, mas deve ser compreendida como processo amplo, que envolve revisão curricular, formação continuada de professores, reorganização das práticas pedagógicas e, sobretudo, **mudança cultural e atitudinal no interior das escolas**.

Constatou-se que o psicopedagogo desempenha papel estratégico na mediação entre os sujeitos e o conhecimento, atuando não apenas na identificação das dificuldades, mas também na construção de estratégias que favoreçam a autonomia, a autoestima e a participação ativa dos estudantes. A investigação mostrou que recursos como o uso de metodologias ativas, a incorporação de tecnologias assistivas, a elaboração de planos pedagógicos individualizados e a valorização de práticas cooperativas se configuram como caminhos possíveis e eficazes para a promoção da aprendizagem.

Outro ponto decisivo destacado ao longo da pesquisa refere-se ao **papel da família e da comunidade** como parceiras indissociáveis do processo inclusivo. A escola inclusiva não se sustenta de forma isolada; exige uma rede de apoio que ultrapasse os limites da sala de aula e envolva todos os atores sociais. A experiência de inclusão torna-se mais sólida quando há diálogo constante entre professores, psicopedagogos, gestores e familiares, favorecendo a coerência das estratégias de ensino e o fortalecimento do vínculo escolar.

Verificou-se ainda que a inclusão só será plena quando superar a lógica da homogeneidade e reconhecer a **diferença como potência pedagógica**. Essa constatação se aproxima da concepção freireana de educação como prática de liberdade, uma vez que aprender implica também ser reconhecido em sua dignidade e singularidade. Portanto, o compromisso da Psicopedagogia escolar não deve ser apenas o de intervir nas dificuldades, mas o de **transformar o ambiente educativo em espaço democrático, plural e emancipador**.

É importante ressaltar que este estudo não esgota a discussão, mas abre caminhos para reflexões futuras acerca da necessidade de maior investimento em **formação docente, políticas públicas de inclusão e pesquisas aplicadas** que possibilitem mensurar o impacto das estratégias psicopedagógicas na



aprendizagem de alunos com necessidades específicas. Reconhecer as lacunas ainda existentes não diminui os avanços já conquistados, mas aponta para a urgência de uma ação coletiva e interdisciplinar que valorize a educação como direito inalienável.

Conclui-se, portanto, que a inclusão de alunos com TEA, TDAH, dislexia e deficiências múltiplas só será efetivamente alcançada quando as escolas assumirem, de forma integral, o compromisso com a **educação humanizadora, crítica e transformadora**, em que cada estudante seja visto não pela ótica de suas limitações, mas pela de suas possibilidades. A Psicopedagogia, nesse percurso, reafirma-se como ciência e prática que rompe com paradigmas excludentes e oferece à escola e à sociedade um horizonte de esperança, dignidade e justiça social.

Panorama da Educação: Estudos Interdisciplinares

ESTRATÉGIAS PSICOPEDAGÓGICAS PARA A APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TEA, TDAH, DISLEXIA E DEFICIÊNCIAS MÚLTIPLAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA



REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5.* 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2020.
- BARKLEY, Russell A. *Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: manual para diagnóstico e tratamento.* 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- CAPELLINI, Simone Aparecida. *Dislexia: teoria e prática.* São Paulo: Memnon, 2017.
- CUNHA, Nádia Hage S. *Psicopedagogia e educação inclusiva: interfaces, práticas e desafios.* 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.
- FERREIRA, Leonardo Andrade. *Comunicação Alternativa e Aumentativa na educação inclusiva: práticas e perspectivas.* São Paulo: Cortez, 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social.* 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GLAT, Rosana; PLETSCH, Márcia Denise. *Educação inclusiva: cultura, políticas e práticas.* 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* 6. ed. São Paulo: Moderna, 2021.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.* 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.
- OLIVEIRA, Ana Cláudia. *Dislexia e processos de aprendizagem: desafios e possibilidades na escola contemporânea.* Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lívia. *Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: da infância à vida adulta.* 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.
- SNOWLING, Margaret J.; HULME, Charles. *A ciência da leitura: compreendendo e apoiando as dificuldades de aprendizagem.* Oxford: Oxford University Press, 2020.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.* 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.